

**MUDANÇA:** Sinais de recuperação não são isolados, diz economista

# Cenário positivo deixa investidor otimista em relação às aplicações

Previsibilidade dos ganhos colabora para mudar o perfil do investimento

Érica Fraga

• O otimismo em relação à economia brasileira motivou Carlos Márcio Barreiros a retirar 60% dos recursos que mantinha investidos em renda fixa e aplicar em um fundo de ações, há cerca de um mês.

— Os indicadores mostram crescimento da economia. Acho que a tendência é que isso se reflita nas ações — diz Barreiros, gestor de contratos financeiros de uma empresa de telecomunicações.

Os recentes dados do PIB, divulgados na última semana, mostraram que a economia se expandiu em 3,84% no primeiro semestre deste ano, surpreendendo os analistas. Com isso, bancos e corretoras já estimam taxa de crescimento entre 3,5% e 4% para o ano.

## SPC mostra inadimplência declinante em julho

Dados do Clube de Diretores Lojistas baseados no Serviço de Proteção de Crédito (SPC) indicam inadimplência declinante em julho, quando o número de inclusão de novos devedores no cadastro do SPC caiu 15,2% em relação a junho. Os cancelamentos de registros, por parte dos consumidores que quitaram suas dívidas, por outro lado, aumentaram 2% no mesmo período.

— Os sinais de recuperação da economia não são isolados.

## A evolução dos juros reais



O comportamento dos juros reais mudou muito no Brasil nos últimos 20 anos. A partir de 92, o Governo passou a elevar as taxas para atrair investidores externos. Com o Plano Real e a queda da inflação, os juros reais ficaram muito atrativos. Agora, com a menor necessidade de captar recursos, os juros começaram a cair e a tendência é que as taxas continuem em queda.

OBS. Taxa Selic (taxa básica da economia) descontada a inflação medida pelo IGP-DI

\*previsão

Os indicadores industriais e de emprego voltaram a melhorar, os índices de confiança da população na economia também estão maiores e a inadimplência vem caindo — diz Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank.

O cenário que tem animado os investidores brasileiros a programar melhor suas aplicações é bem diferente do dos últimos 20 anos. Com a mudança cambial, a tendência é de queda progressiva dos juros — que tendem a ser meno-

res do que as taxas dos primeiros anos do Real e mais estáveis do que as dos anos 80.

Entre 1980 e 1991, o Governo tentava fazer os juros compensarem a inflação alta e descontrolada. Mas isso nem sempre era possível, dada a imprevisibilidade na tendência de alta dos preços. Os investidores corriam, então, para aplicações de rendimento diário. Os juros nominais eram altíssimos, mas acabavam, em boa parte, corroídos pela inflação. Os juros reais podiam chegar

a 33,14% em um ano e despencar para um retorno negativo de 20,51% no ano seguinte.

Com o Plano Real, a queda da inflação e a necessidade de se atrair capitais externos, os juros reais dispararam, atingindo 33,38% em 1995. Mas, depois da mudança do regime cambial, os juros reais vêm recuando e devem ficar entre 8% e 8,5% este ano. Os ganhos podem ser mais baixos, mas são mais previsíveis. E é isso o que tem levado os investidores a mudarem seus hábitos. ■